

## Eusébio Guterres

Roberto foi enviado para Timor-Leste, ou Lorosae, no ano 2000. Aquelas decisões que acabam por afectar as vidas, tomadas com certa dose de apreensão. Como tantos outros que se dedicam a viagens, acabou por se adaptar aos mosquitos, à destruição total, à paisagem da fome, ao terrível calor húmido, à necessidade de beber água engarrafada, de lavar os dentes com ela. Perdia-se em Díli, porque, embora fosse uma criatura urbana, nunca estivera antes num local assim, todo destruído. As noites com 38 graus, uma humidade de 90%, lembravam-lhe filmes sobre a Segunda Guerra Mundial, passados na Ásia, ali mesmo, por ali andaram os japoneses, nessa altura. Os helicópteros de noite, as pás a ouvirem-se nos ares faziam lembrar filmes da guerra do Vietname, essa guerra que já foi tão recriada que parece que houve milhões de guerras do Vietname. E não é preciso! Bastam as guerras reais, como verificou; não é necessário povoar o imaginário com guerras cinematográficas. Pelo menos ali, em Díli, era assim. Tirando uns vinte edifícios contados sem custo, todos os outros tinham sido suprimidos com o método do “dilagrama”, granada disparada por uma arma ligeira, tipo G3 que os portugueses usam. O cemitério de Santa Cruz, afinal era muito menor do que parecia na televisão. Menor, não menos terrível. O cemitério indonésio também lá estava, lembrando os que morreram a ocupar aquela meia-ilha, a mando de outros, também eles, na sua maioria, sem saberem o propósito disso. Descobriu que não havia família que tivesse escapado inteira à ocupação. Não conheceu ninguém que não tivesse perdido um familiar! A praia da areia branca, os corais, tudo fora estragado. A beleza exótica da Ásia, os búfalos, os crocodilos, parecia tudo contaminado por uma atmosfera de luto. Os animais sabem disto, e um dia um crocodilo comeu um braço a um jardineiro. Tinha sido oferta de soldados australianos, o crocodilo. A noção de ferocidade irracional transmitira-se ao crocodilo! Foi dar aulas e teve surpresas. Depois de arranjar um “kamus pintar” – dicionário conciso de indonésio-inglês, conseguiu começar a falar com os alunos mais novos. Os outros sabiam português. Mesmo Eusébio Guterres, aluno que fora ajudante do temível Wiranto. Aquele nome era curioso. Eusébio sabia de parte da curiosidade, mas Guterres? “É o primeiro-ministro de Portugal, agora, disse-lhe Roberto. Como o Salazar, acabou por lhe dizer; como não, quer dizer, tem o mesmo cargo.” Ser professor de Eusébio e de Guterres de uma vez só, era coisa que nunca passara pela cabeça de Roberto! Perguntou-lhe se tinha feito coisas erradas e ele respondeu que sim. Porquê? “Ora, respondeu Eusébio Guterres, assim como vocês já não são como antes, agora há quem queira divertir-se em vez de trabalhar, quem seja corrupto, entre os portugueses, antigamente não.” Pois, e isso justifica o que você fez? “Sim, disse-lhe Guterres, é sempre assim: imitamos o mais forte, foi apenas isso que fiz, agora faço de novo, não estou aqui a aperfeiçoar o português consigo?”

Carlos Mota